

talmente a riqueza na complexidade de sua obra, que nos é analisada não apenas como literatura dramática, mas na potencialidade de sua plenitude como espetáculo teatral.

Não podemos deixar de salientar, embora em tão poucas linhas, a simplicidade e a elegância da linguagem do A., numa clareza que é sobremodo elogiável numa obra condensada, de síntese, sobre um tema por vezes complexo. E, como salientam os editores em sua apresentação, "embora o título do livro pareça restringir o seu objetivo, ele é, na verdade, uma introdução extremamente lúcida à história de todo o teatro ocidental." — ALIETTE FONTANA.

RITTNER, Maurício — *Compreensão de Cinema*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1965 (Coleção Buriti, v. 2), 154 pp.

Depois de uma bem cuidada *Iniciação ao Teatro*, feita por Sábato Magaldi, a Coleção Buriti apresenta-nos esta segura *Compreensão de Cinema*, de Maurício Rittner, volumes que tão bem se integram numa coleção que se propõe, com muita propriedade, tornar-se "uma enciclopédia em cada lar". Daí o caráter didático de que se reveste inicialmente o volume, transmitindo-nos conceitos básicos como os de cinema e filme, além da explicação dos recursos técnicos que compõem a linguagem cinematográfica. Depois de discutir o problema do cinema como arte em função da técnica, o A. passa a apresentar elementos de apreciação estética, desde dados formais até considerações sobre o conteúdo, o que o leva a uma visão cronológica do cinema, tanto através de seus gêneros e tendências, como através de escolas e estilos. Esta espécie de retrospectiva histórica permite que o A. situe de maneira clara aspectos da teoria do filme, que não se perdem, no entanto, em mera esquematização, pois funcionam em vista de delimitar as etapas de uma evolução. É à crítica que compete esta tarefa de captar a obra dentro de sua dimensão própria, analisando-a com o intuito de preparar um espectador consciente. Neste sentido, o A. evidencia seu conhecimento profundo e uma visão pessoal e atualizada, pois nos desperta inclusive para os problemas com que se defrontam aqueles que fazem cinema nos dias de hoje. Estamos, sem dúvida, diante de uma contribuição importante num setor cuja bibliografia é ainda tão parca em nosso país. — ALIETTE FONTANA.

ISMAEL, J. C. — *Cinema e Circunstância*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1965 (Coleção Buriti, v. 6), 150 pp.

É intenção dos idealizadores da Coleção Buriti, através das várias publicações já editadas sobre cinema e teatro, contribuir para a formação de um público não só mais preparado como também mais consciente. Neste sentido, J. C. Ismael, em *Cinema e Circunstância*, opõe-se à idéia do espetáculo cinematográfico como evasão, sem que, contudo, deixe de ter "uma visão ampla e desapalxonada do problema", pois anuncia sua intenção de, antes de mais nada, estabelecer bases de julgamento "ditadas pela natureza do filme e a sua consequente autenticidade" (p. 28). O primeiro capítulo coloca o cinema social em função da *circunstância*, e daí deriva a análise de vários problemas com que se defrontam em nossos dias cinema e indústria, por exemplo. Mas é sob a perspectiva do realismo, nos seus mais variados matizes, que o A. estuda tanto os aspectos temáticos quanto os problemas mais especificamente estéticos, pois o "cinema circunstancial somente dentro do realismo tem realizado o humanismo que dele se espera" (p. 51). Seguem-se considerações sobre os diversos caminhos que o realismo tem percorrido

dentro da história do cinema, e é assim que vemos analisados os representantes mais significativos dessa tendência em cada país, até chegarmos ao neo-realismo italiano. É neste ponto que o cinema-circunstância atinge sua plenitude, sobretudo através de Visconti, De Sica e Rossellini, estendendo-se o A. às obras de Fellini e Antonioni. O último capítulo "transfere a idéia de circunstância para o clima da filosofia existencialista, inspiradora de marcante tendência do cinema contemporâneo" (p. 13), e desta forma se completa o panorama que atinge em cheio a problemática do cinema em nossos dias. — ALIETTE FONTANA.

PONTES, Joel — *O Teatro Moderno em Pernambuco*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1966 (Coleção Buriú, v. 8), 164 pp.

Tamanha é a extensão geográfica que nos separa desse mundo distante e pitoresco do Nordeste, que a sua experiência teatral bem pode ser estudada como um fenômeno regional, à parte, não tendo havido intercâmbio com as demais regiões do país neste setor. Como fruto de uma pesquisa minuciosa em jornais e revistas especializadas ou em velhos álbuns de recortes, Joel Pontes apresenta-nos um levantamento exaustivo das atividades d'O *Teatro Moderno em Pernambuco*, registrando autores, atores e peças representadas, através dos grupos "Gente Nossa", Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP), Teatro do Estudante em Pernambuco (TEP), até a criação do Curso de Teatro na Universidade do Recife e consequentes tentativas de profissionalismo: o Teatro Popular do Nordeste (TPN), o Teatro de Cultura Popular (TCP) e o Teatro de Arena. Como não podia deixar de ser, o livro contém a denúncia dos grandes problemas e dificuldades por que passaram e passam os grupos que têm atuado ultimamente no Recife, pois o problema, grave no âmbito nacional, torna-se ainda mais agudo quando colocado em termos regionais. Esta denúncia é feita com a finalidade de oferecer sugestões fecundas a entidades e autores: por exemplo, a do aproveitamento de um veio popular que pode servir de base às revoluções estéticas mais arrojadas, à maneira de Brecht, num rompimento com os esquemas rotineiros. Como vemos, estamos diante de uma obra que, além de ser uma contribuição para uma futura história do teatro brasileiro, constitui uma visão atualizada e um texto a ser meditado por todos os que desejam ver no teatro brasileiro a melhoria de seu nível e uma popularização crescente. — ALIETTE FONTANA.

BORBA Filho, Hermilo — *Espetáculos Populares do Nordeste*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1966 (Coleção Buriú, v. 10), 184 pp.

É um campo praticamente inexplorado este, sobre o qual Hermilo Borba Filho detém-se ao analisar os *Espetáculos Populares do Nordeste*. Temos a descrição mais pormenorizada de quatro folguedos: o bumba-meu-boi, o fandango, o mamulengo (marionetes) e os autos pastoris. O A. parte de conjecturas sobre a origem das palavras que designam os espetáculos populares, bem como de considerações sobre o que poderia ter sido a sua motivação, num breve apanhado histórico que se estende a todas as formas paralelas no folclore estrangeiro. O material de que trata o estudo encontra-se ameaçado de lenta extinção, além de ser de difícil acesso, por se encontrar disperso pelas cidadezinhas mais remotas. Neste sentido, o A. procurou valer-se de gravações junto às fontes, coleta de textos e conversas com os representantes mais significativos dessas formas humildes de diversão dramática. A reprodução de longos trechos das gravações registradas permite-nos mergulhar num mundo em que a comédia é mesclada de fantasia ingênua e até de obscenidades, numa linguagem rude, com personagens típicas da região a par